

# **Identidade Juvenil em redes de sociabilidade “republicano”- universitárias. Pesquisadora versus nativa / nativa versus pesquisadora: um diálogo amigável.**

Manuela Vieira Blanc<sup>1</sup>  
Carine Lavrador de Farias<sup>2</sup>.

## **Resumo**

Este trabalho se propõe a remontar os resultados obtidos numa dissertação de mestrado sobre identidade juvenil a partir de uma perspectiva dialógica entre as autoras deste artigo, àquela época pesquisadora e informante de pesquisa (primeira e segunda autora, respectivamente). A metodologia utilizada envolveu a observação participante entre um grupo de universitários moradores de repúblicas estudantis e a realização de entrevistas semi-estruturadas com alguns dos integrantes de uma ampla rede de relações. Objeto de pesquisa da dissertação, o processo de construção de identidade juvenis, tendo como referenciais a moradia coletiva e o pertencimento institucional, são aqui repensados a partir da relação entre pesquisadora e “nativa”, hoje ambas graduadas em ciências sociais e estudiosas das questões juvenis.

**Palavras-chave:** Metodologia etnográfica, “nativo”/pesquisador, “pesquisador”/nativo.

## **Apresentação**

Este trabalho se apresenta como um esforço insistente em objetivar uma relação tornada subjetiva a partir do compartilhar de uma experiência de vida e, ao mesmo tempo, uma trajetória de pesquisa. E através desse esforço quase desesperado avançar numa discussão metodológica em torno do trabalho etnográfico.

A proposta inicial tinha como pretensão o estabelecimento de uma análise dialógica a partir do cruzamento dos dados coletados em uma dissertação de mestrado sobre o processo de construção de identidades juvenis entre estudantes da UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – RJ) e a relação entre pesquisadora e “nativa”, hoje ambas graduadas em Ciências Sociais e estudiosas das questões juvenis, primeira e segunda autora deste artigo, respectivamente. Ambas

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP/UENF). Contato: manu\_uenf@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP/UENF). Contato: carine.farias@hotmail.com.

bacharéis em Ciências Sociais, atualmente pós-graduandas do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política e ex-moradoras de república (mais precisamente, atualmente vizinhas), nossas trajetórias se cruzaram em diferentes momentos de nossa formação acadêmica.

A dificuldade em problematizar metodologicamente as influências mútuas exercidas por uma relação que se caracterizou por uma absoluta simbiose entre o compartilhar de interesses de pesquisa e o aprofundamento de uma relação de amizade dá-se pela intensa carga subjetiva envolvida. Fomos apresentadas ao menos duas vezes. Na primeira, de forma fria e superficial, enquanto veterana e caloura do curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Na segunda, num bar nos arredores da instituição de ensino, a partir da mediação de nossas colegas de apartamento, na época colegas do curso de Medicina Veterinária. Por outro lado, podemos dizer que houve ainda um terceiro encontro, cujas devidas “apresentações” ficaram à critério de uma progressiva identificação de pesquisa.

Finalmente, em analogia ao processo de formação das redes de relações juvenis entre *uenfianos* integrantes de moradias coletivas, podemos dizer que, na assunção de nossas diferentes identidades juvenis (uma delas enquanto pesquisadoras de questões da juventude), assumimos também entre nós mesmas diferentes formas de nos relacionarmos. Separá-las é um exercício árduo, senão impossível, mas cabe como um instrumento metodológico de compreensão do todo e, sobretudo, de digressão sobre nossos trabalhos.

O trabalho do etnógrafo envolve um “ato ou efeito de situar(se), localizar(se)”. Hélio Silva (2009) refere-se desta forma não apenas ao ato de situar-se em sentido estrito, chamando atenção para uma localização que é, ao mesmo tempo, geográfica, social e situacional. Desde a “entrada” do pesquisador no campo até a posição que deverá ocupar de acordo com o contexto de interação e o tipo de interação estabelecida em cada situação de pesquisa, incluindo mesmo o processo solitário e recolhido de análise dos dados e redação do texto final. O verbo “sitar” é desta forma utilizado quase como ironia, dado que é destacado por seu caráter de transitoriedade e fixação e não por esse último estritamente: “Portanto, situação é circunstância e localização” (p. 172).

Situações de pesquisa em contextos urbanos implicam em uma “inserção” no campo caracterizada pela passagem por diversos rituais de iniciação, desde o

estranhamento de uma realidade que é próxima, ou a familiarização com uma cultura que nos parece estranha (VELHO, 1999) até o diálogo estabelecido com o objeto de pesquisa, a teoria assumida como base e os atores diretamente observados e (porque não?) ouvidos. As questões metodológicas que embasam esta proposta analítica referem-se basicamente ao instante, ou aos instantes, de tomada de consciência de si (seja o pesquisador ou o pesquisado) enquanto parte do processo de pesquisa em si mesmo. Ao mesmo tempo, destacamos o caráter dialético de tal movimento.

O processo de pesquisa etnográfico é, por ele mesmo, um percurso, um caminho a partir de trajetórias balizadas pelo olhar e fixadas, finalmente, pela escrita. A pesquisa se desenvolve, sobretudo, num movimento de andar e ver, no qual aquilo que se vê é também revisto ao caminhar e o próprio ato de ver é caminhante. O objeto de pesquisa é, neste sentido, também consequência e causa desse percurso e desse olhar, de uma “situação” que é, ao mesmo tempo, móvel (SILVA, 2009).

O percurso que nos levou à escolha do tema de pesquisa monográfica é semelhante, ao mesmo tempo em que balizado pelo encontro de nossas trajetórias compartilhadas. Ao mesmo tempo, essa escolha diz muito sobre a experiência de juvenildade que estudamos, bem como os percursos pessoais percorridos se confundem com as nossas trajetórias de pesquisa.

### **O caminho de volta: depois do “outro”, nós mesmas**

A opção por analisar a experiência juvenil dos integrantes de “repúblicas universitárias” deu-se a partir de um olhar “de dentro”, de inquietações e perguntas em torno de uma realidade compartilhada. Ao mesmo tempo, é através dos dados obtidos nas pesquisas realizadas por nós de forma independente e sob a orientação de diferentes profissionais, que nos propomos a compreender o cruzamento de nossas trajetórias. As especificidades da realidade analisada é o caminho escolhido para uma análise das especificidades da relação de pesquisa estabelecida. Iniciemos pela descrição desse contexto.

Os estudantes da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro vivenciam uma experiência ímpar para a compreensão da vivência de suas juventudes. A instituição de ensino está situada na cidade de Campos dos Goytacazes, Região Norte do Estado do Rio de Janeiro.

De acordo com os dados obtidos no trabalho *O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades*<sup>3</sup> (BLANC, 2009), considerada a relativa proximidade entre a localização da universidade e a cidade de origem da maioria dos estudantes entrevistados, a mudança do local de habitação se caracteriza como uma alternativa entre outras. Segundo esses dados, três quartos dos alunos da universidade são originários de cidades num raio de menos de 150 km da cidade de Campos dos Goytacazes. Neste sentido, pode-se observar o papel exercido pelo fretamento de ônibus por grupos de estudantes dessas regiões que possibilitam o deslocamento diário em direção às instituições de ensino superior não apenas em Campos, como em Friburgo, Além Paraíba, Itaperuna, etc; permitindo que seja mantido o endereço de residência e, muitas vezes, de trabalho do novo estudante. Nesses casos, as viagens entre a cidade de origem e o local de estudo duram no máximo uma hora e meia, não mais do que o necessário para que muitos dos estudantes moradores da cidade do Rio de Janeiro ou adjacências se desloquem até as salas de aula das universidades cariocas.

É possível observar um volume diário de estudantes que vão e voltam de sua cidade de origem em direção a cidade de Campos todos os dias com base no grande volume de ônibus de turismo estacionados aos arredores da universidade, estes fretados pelos próprios estudantes ou pelas prefeituras de suas cidades de origem.

Por um lado, este dado não é significativo para se estimar o número de alunos da UENF que continuam morando com os seus pais após a entrada na universidade, sobretudo se considerada a alta concentração de instituições de ensino superior na cidade<sup>19</sup>. Estes ônibus atendem estudantes da UENF, assim como dessas diversas instituições (BLANC, 2009: p. 41).

Por outro lado, o deslocamento habitacional não pode ser tomado como uma escolha entre outras opções se considerada a dinâmica universitária característica ao caso analisado, já que a UENF se caracteriza por cursos de graduação cuja carga horária é distribuída em diferentes partes do dia, com exceção apenas dos cursos de licenciatura.

Outro dado significativo para a compreensão da dinâmica *uenfiana* diz respeito ao exercício da atividade de bolsista da própria universidade, que é muito comum entre

---

<sup>3</sup> Desenvolvido sob a orientação de Claudia Barcellos Rezende, sob apoio da Faperj.

os estudantes da UENF. Grande número dos estudantes é beneficiado por bolsas de diferentes modalidades, exercendo, portanto, atividades remuneradas dentro da própria instituição de ensino em seus horários vagos e ocupando, portanto, todo o dia útil com atividades acadêmicas (BLANC, 2006).

A moradia em república não a única alternativa aos alunos da UENF, e é importante ressaltar o número considerável de alunos campistas matriculados na universidade, além de outros tantos que vão e voltam todos os dias para suas cidades de origem. Por outro lado, esses grupos exercem um papel marcante entre esses estudantes devido às características que são próprias à universidade, influenciando sob as identidades juvenis em torno do pertencimento institucional de uma forma geral.

Ao mesmo tempo em que se apresenta segundo características que tendem a legitimar sua classificação geracional, esse contexto de vivência juvenil também comporta elementos que dão margem à construção de uma identidade muito específica, que pode de certo modo fugir a modelos de juventude associados às camadas médias na qual se inserem.

A forma como UENF e estudantes se relacionam vai além do simples esquema ensino aprendido, seja devido à peculiaridade com que são distribuídas as disciplinas dentro da carga horária semanal, ou o programa de pesquisa previsto pelo próprio projeto de fundação da universidade (RIBEIRO e MATIAS, 2006), por meio de incentivos à participação em laboratórios através das bolsas e a exigência de defesa de monografias individuais de conclusão de curso (BLANC, 2009: p. 42).

A partir desse contexto, no qual a instituição de ensino apresenta-se também como um ator em relação, os estudantes organizam seu tempo, suas relações e estilos de vida, estes diretamente marcados pelo seu pertencimento acadêmico peculiar.

O exercício da atividade de bolsista pode possibilitar não apenas um estreitamento das relações entre funcionários e alunos, que passam a conviver como “parceiros” de pesquisa ou a inserir-se em hierarquias típicas do mundo do trabalho, como também exigem um maior investimento de tempo pelos estudantes (BLANC, 2009: p. 42).

Em termos significativos, podemos afirmar que a relativa proximidade entre a casa paterna e a universidade não se reflete na continuidade da coabitação do jovem com a família após a sua entrada no ensino superior, ao mesmo tempo, a universidade

não disponibiliza alojamentos estudantis ou alternativas de alimentação mais barata no campus, como os bandejões subsidiados pelo governo. Blanc (2009) demonstrou neste sentido como as peculiaridades do ambiente acadêmico, os serviços oferecidos (ou, nesse caso, não oferecidos) e características da cidade de Campos dos Goytacazes e região culminam com a concentração espacial das moradias estudantis no entorno da universidade. E, ao mesmo tempo, como esta tendência incide sobre o cotidiano estudantil estabelecido, no que se refere à legitimação de um modo de vida e espaços de lazer tipicamente *uenfianos*.

A juventude vivenciada pelos estudantes da UENF é diretamente marcada pela relação estabelecida com a instituição de ensino na qual estão inseridos: a universidade como um ator que se coloca em relação e que marca o estabelecimento de suas identidades. Primeiro porque ser estudante da UENF lhes confere um sentimento de pertencimento e auto-percepção de si específicos, mas também porque a relação que estabelecem com a universidade permeia suas relações com outros atores sociais, consigo mesmos, com o espaço que ocupam, e etc. Assim se constrói uma identidade institucionalizada: ser aluno da UENF. Mas se constrói, sobretudo, um modo de vivenciar determinada fase da vida, uma identidade juvenil atravessada pela trajetória educacional, dadas as peculiaridades que esta experiência pressupõe.

Finamente, a universidade, moradias e os espaços de lazer foram observados como os pontos principais a partir dos quais se constroem as redes de sociabilidade juvenis, ao mesmo tempo, pode-se perceber que mais do que “os bares ou a própria universidade, é nas repúblicas que se constroem e fortalecem as relações de amizade que perpassam a construção das redes de relações” (BLANC, 2009: p. 100). Ao mesmo tempo, as festas de república, assim como a frequência aos bares próximos, contribuem para o estabelecimento de contatos com jovens não necessariamente incluídos em seus círculos de relações mais íntimos.

O desafio da tomada de consciência, de situar-nos enquanto pesquisadoras que também, e porque não, se fizeram objeto, está em observar em nós mesmas a trajetória analisada “no outro”. Esse outro que nos incluía e que foi por nós objetivado, que se fez “outro” a partir de uma reconstrução de nós mesmas, de um exercício de afastamento e reestruturação do nosso olhar, outro este com o qual pretendemos fazer as pazes. Outro que teve diversos significados no percurso de nossas trajetórias individuais e com o qual nos reencontramos a partir de nossa trajetória conjunta.

### **Pesquisadora como nativa e nativa como pesquisadora**

Os dados obtidos pela pesquisa de Blanc (2006 e 2009) foram coletados a partir da observação participante e da realização de entrevistas semi-estruturadas com grupos selecionados de estudantes da UENF moradores de “repúblicas”. No primeiro momento, em *Ampliando Horizontes: jovens universitários e a (re) construção de valores a partir da vivência em moradias coletivas*<sup>4</sup> (BLANC, 2006), vê-se uma pesquisadora/nativa, cujas motivações partiram de um processo de estranhamento do familiar paulatinamente ao processo de formação acadêmica. Integrante de uma moradia coletiva e estudante da mesma instituição de ensino de seus entrevistados, a pesquisadora optou pelo mapeamento de todas as moradias coletivas estudantis do condomínio selecionado, dentre outros motivos, com o objetivo de identificar grupos de estudantes alternativos àqueles de seu convívio pessoal:

O esforço a ser realizado se deu pelo estranhamento do familiar (VELHO, 1978), por um lado, e pela conquista da confiança de meu objeto de pesquisa, por outro. Assim como assumi uma dupla vivência dentro do meu próprio espaço de sociabilidade, meus entrevistados apresentaram dificuldades entre reconhecer-me como uma igual e ao mesmo tempo um ser “estranho”, que via nas suas práticas algo de singular (BLANC, 2006: p. 6).

Monografia de conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais, o trabalho se constituiu como um primeiro exercício de pesquisa, caracterizado pelo trabalho de campo intensivo e por uma experiência de transformação de caráter também pessoal.

Posteriormente, *O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades* (BLANC, 2009), centrado na análise do processo de construção de identidades juvenis, é marcado por reflexões subjetivas em torno de uma mudança identitária vivenciada pela própria pesquisadora, então estudante de pós-graduação e moradora da cidade do Rio de Janeiro:

---

<sup>4</sup> Desenvolvido sob orientação de Wania Amélia Belchior Mesquita com o apoio do CNPq.

Não seria fácil desarticular, nesse sentido, *insights* analíticos e sensações marcadas por um *feeling* altamente subjetivo na elaboração de questões, estabelecimento de direcionamentos e estratégias de pesquisa. Se antes foi necessário lutar contra o envolvimento pessoal do pesquisador em favor do andamento da pesquisa, necessidade que no fim se manteve, neste trabalho o envolvimento pessoal forneceu pistas, contatos e dados propriamente ditos. Não mais como aquele que se afasta para melhor ver, mas aquele que volta a se aproximar para ver melhor; não mais como quem é, e sim através da identidade insuperável daquele que um dia foi (BLANC, 2009: p. 17).

Esta experiência é marcada pela tomada de consciência de uma transformação identitária vivenciada pela própria pesquisadora. Experiência esta caracterizada não apenas pela conclusão do processo inicial de formação acadêmica, como também pelas transformações subjetivas vivenciadas a partir do processo de afastamento geográfico do contexto de pesquisa e de reformulação de suas redes de relações no retorno a esse contexto. Ao mesmo tempo, a maturidade profissional, senão o desejo de desafios, leva à opção por tomar suas redes pessoais de relações como ferramenta metodológica de posicionamento no campo. A decisão, senão necessidade, inicial de separar relações pessoais e trabalho etnográfico foi revertida para um uso metodológico das redes pessoais de relações em favor do desenvolvimento da pesquisa:

Assim como minhas relações de amizade foram o ponto de partida para a escolha dos entrevistados, o desenvolvimento da pesquisa culminou com o alargamento e aprofundamento desta rede pessoal de relações, apresentando-se como um elemento integrante ao próprio trabalho analítico (BLANC, 2009: p. 23).

Mais do que duas experiências pessoais de pesquisa, tal trajetória será aqui apreendida em relação a uma outra, análoga, enquanto processo de formação pessoal e acadêmica. A nossa relação é caracterizada por diferentes pontos de interseção, marcados simultaneamente pelo estabelecimento de laços pessoais e profissionais, mas, sobretudo por uma identificação a partir daquele que talvez fosse o nosso único interesse em comum: a “categoria” juventude.

O nosso primeiro contato se dá entre “veterana” e “caloura”, durante o trote estudantil dos alunos do curso de Ciências Sociais do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, quando a primeira autora encontrava-se no início do último ano de formação acadêmica e, portanto, desenvolvimento da monografia de conclusão de curso. Nesta ocasião, ambas eram

parte de um ritual de iniciação dotado de significados específicos e que, neste caso, se caracterizava pela transmissão de saberes que extrapolam a vivência estudantil propriamente dita:

Mais do que um ritual de iniciação à dinâmica universitária, primeiro contato entre novos e antigos alunos, ou simples brincadeiras, sejam elas interpretadas positiva ou negativamente, o trote acompanhado por mim entre os estudantes da UENF está inserido no processo mais amplo de re-construção das redes de relações no novo espaço e transmissão de saberes específicos (BLANC, 2009: p. 115)

Blanc (2009) demonstra como a dinâmica do trote entre os *uenfianos* é dotada de um sentido intrínseco às relações que o engendram. Favorece a construção de novas identidades, assumindo significados peculiares entre os novos estudantes que virão a integrar moradias coletivas e que, portanto, compartilham da experiência de afastamento do núcleo familiar e as problemáticas que lhe estão relacionadas. Ao mesmo tempo, esse ritual se constitui a partir de um jogo que visa também demarcar posições, se caracterizando pela diferenciação hierárquica entre antigos e novos alunos baseada, por outro lado, numa suposta hierarquia de saberes:

As relações no trote se dão em uma atmosfera de conflito iminente, em que o jogo está, de certa forma, marcado pelo desafio de colocar à prova os limites do outro. E tal relação só é possível a partir do reconhecimento por ambos os grupos em oposição (*veteranos* e *calouros*) de um sistema de hierarquia em que os primeiros detêm conhecimento e o poder de transmiti-lo, assim como demonstrei acima. O conflito é um elemento fundamental para o estabelecimento do primeiro contato, integrante e integrador, onde são criadas e recriadas representações e identidades. (BLANC, 2009: p. 135).

Paralelamente à atmosfera desigual e incômoda, simbolizada pelas atividades do trote em si mesmas (classificadas pela autora como *atividades sujas*), é alternada com iniciativas de caráter socializador em sentido estrito. As festas caracterizam-se desta forma como uma continuidade ao próprio trote, no que diz respeito às atividades de recepção dos *calouros* de forma geral. A relação hierarquizante e quase agressiva que caracteriza as atividades “vexatórias<sup>5</sup>” é equilibrada, entendido o trote como um conjunto de atividades de boas-vindas, pelos encontros nos bares, calouradas

---

<sup>5</sup> O termo aqui é utilizado entre aspas, dado que assume um significado peculiar entre os estudantes observados, apresentando limites mais flexíveis de tolerância, segundo a autora.

finalmente, a choppada. Vê-se, também neste caso, que, apesar da instituição de ensino se apresentar como referencial fundamental para o estabelecimento das redes de relações juvenis no novo contexto, é a partir da frequência nos espaços de sociabilidade estudantis que se constroem os laços pessoais de relações e, sobretudo nas moradias coletivas, que se fortalecem as relações amizade entre os alunos (BLANC, 2009).

Da mesma forma o contato inicial que tivemos, a partir de um pertencimento institucional comum (inclusive no que se refere ao curso de graduação), não se constituiu como um critério de identificação ou um conteúdo suficientemente forte para o compartilhar de uma relação de proximidade. Apesar de estarmos inseridas em um contexto de sociabilidade geograficamente limitado (no que se refere à universidade), que se não nos permitia o convívio diário ao menos o facilitava, foi somente através da mediação de integrantes de nossas redes pessoais de relações e de um convívio extra-muros que de fato nos aproximamos, meses depois: “No início de meu último ano na UENF através de [as duas companheiras de república, uma estudante do curso de veterinária e a outra do curso de zootecnia] fui apresentada àquelas que seriam as minhas anfitriãs durante a realização do trabalho de campo da dissertação” (BLANC, 2009: p. 16).

Naquela ocasião, as principais mediadoras deste encontro, nossas companheiras de república, eram colegas de turma. Mais uma vez em correspondência aos dados de campo de Blanc (2009), apesar do pertencimento institucional se apresentar como importante elemento de identificação na formação das redes de relações, as moradias coletivas é que se colocam como ponto principal através dos quais as redes se estruturam.

A nossa relação passa a assumir real importância analítica para os objetivos aqui estabelecidos a partir de questões de pesquisa incitadas mutuamente: da leitura de uma monografia ainda em processo de redação, surgiram as inquietações que levaram ao desenvolvimento de outra, sob condições muito semelhantes, apesar de se ater a um objeto diferenciado: “Por ser universitária e moradora de “república”, tive que me tornar “estranha” diante de um cotidiano e de uma realidade um tanto familiar para que pudesse realizar a pesquisa e elaborar esta monografia” (FARIAS, 2010, p. ver). Assim se delineou as bases do trabalho *Religião e Juventude: Sociabilidades entre jovens de*

“*repúblicas estudantis*” de Campos dos Goytacazes<sup>6</sup>. Progressivamente ao desenvolvimento de nossos trabalhos, observamos o aprofundamento de nossa relação de amizade, até que o acaso entrecruza as pesquisas e, com elas, as nossas próprias vidas:

[Sempre que retornava à Campos] Costumava me hospedar no meu antigo apartamento, [...] Em dezembro de 2007, um ano após ter me mudado para o Rio, minhas antigas companheiras de república precisaram se mudar. Coincidentemente ou não, ali se rompia o meu pertencimento à república, marcado até então por um vínculo quase contínuo (BLANC, 2009: p. 16).

A partir de atributos pessoais, e segundo a dinâmica peculiar à [nova] moradia hospedeira, foi possível [...] estabelecer e aprofundar contatos com os diversos integrantes deste grupo de relações específico. A república Pink [local de moradia da segunda autora deste artigo àquela época], comportando-se como um ponto de encontros e sociabilidade especialmente interessante, converteu-se, portanto, num espaço privilegiado para a realização da pesquisa (BLANC, 2009: p. 22).

A pesquisa em desenvolvimento nesta ocasião terminou por concentrar-se, seja no que se refere à realização da observação participante ou a seleção dos estudantes para as entrevistas, justamente na dinâmica da rede de relações específica à moradia coletiva que serviu como hospedeira à pesquisadora (neste caso, Blanc) durante a realização do trabalho de campo.

Paulatinamente, Farias começa a assumir uma identidade dual entre auxiliar de pesquisa e nativa. Mais do que isso, caracterizou-se como um dos membros mais ativos e polarizadores da rede de relações (BOTT, 1971) analisada durante a realização do trabalho de campo. Ao mesmo tempo, é Blanc quem sente o impacto direto de sua transformação identitária:

A partir daí, já não retornava como a amiga que atingiu outro estágio de formação acadêmico-profissional, identidade esta que me fazia diferente, sem que me tornasse absolutamente estranha, já que a realidade da UENF aproxima sobremaneira os alunos da graduação não apenas dos mestrados, como da própria realidade de pesquisa, assim como apresentarei neste trabalho. Retornava agora como a “*espiã, que se faz de amiga para ouvir as conversas*”, como elas mesmas muitas vezes repetiram, em gargalhadas. E durante todo o processo de análise das suas identidades, a identidade que criaram para mim, e que eu mesma acabei assumindo, esteve em destaque (BLANC, 2006: p. 17).

---

<sup>6</sup> Trabalho desenvolvido sob a orientação de Márcia Leitão Pinheiro e sob apoio do CNPq, vinculado ao projeto “Religiosidade e envolvimento amoroso em 'repúblicas estudantis' de Campos dos Goytacazes”.

Progressivamente, entre a participação quase intrusiva de uma, interessada em participar ativamente da análise dos dados e apresentando dificuldades reais em reconhecer-se como objeto (Farias foi apreendida por Blanc como o Doc de Foot-White (2005); e a inserção inegável de outra na rede de relações por ela analisada, ambos os processos de pesquisa passam a assumir uma carga subjetiva ainda mais forte. A partir de nossa relação nos deparamos com a realidade de sermos, ao mesmo tempo, objeto e analistas de nós mesmas. Mais do que em uma relação com nossos objetos de pesquisa enquanto produtos de um olhar construído a partir de nossas trajetórias pessoais, a compreensão de que as trajetórias individuais se cruzam e influenciam mutuamente em termos pessoais e profissionais nos remete ao mesmo tempo para o caráter puramente relacional em torno da definição dos papéis de “nativo” e “pesquisador”.

### **Considerações finais.**

A definição do objeto etnográfico perpassa a construção (e constante reconstrução) de um olhar sobre a realidade cujo motor é caracterizado por uma inquietação, seja ela teórica, metodológica ou em torno do objeto mesmo. Aquilo que o etnógrafo vê “é inextricável de sua situação”, dirá Silva (2009), portanto não há como separar as motivações, incômodos, senão ojerizas, em torno da definição de um objeto de pesquisa, bem como não se pode negar o peso do caráter subjetivo das decisões tomadas com esse fim. O processo de estranhamento já foi destacado como fundamental para se pensar a análise de contextos familiares em referência a uma antropologia dos grupos urbanos (VELHO, 1999). Neste sentido a proximidade cultural, senão a identificação direta com a realidade observada, são problematizados como dados de pesquisa propriamente ditos, traduzindo em potência analítica a parcialidade que poderia ser interpretada como limitador da cientificidade.

A experiência etnográfica se caracteriza por um esforço de compartilhamento, esforço no qual se baseiam tanto o pretensioso processo de “entrada” no campo quanto de “participação observante”. Tal esforço pode ser mais ou menos exitoso em função das possíveis resistências que a presença do pesquisador suscite, bem como das esferas de atividades nas quais se encontre. Ao mesmo tempo, essa “interação implica mutualidade. Nessa ação, o etnógrafo sofre e exerce influência sobre os outros, afeta e é afetado. Influência e afetação que incidem sobre identidade, condição e desenvolvimentos” (SILVA, 2009: p 179). Neste caso, a influência mútua incide sobre

ambas as trajetórias de pesquisa, senão na definição dos objetos, nos direcionamentos metodológicos e, sobretudo, no desenvolvimento analítico. As passagens por vivências diversas, desde a formação acadêmica estrita, as primeiras experiências de pesquisa ou o movimento subjetivo de tomada de consciência de si enquanto objeto passível de ser analisado, ou até mesmo auto-analisado, foram aqui apreendidas a partir desta relação mais básica, do compartilhar de um objeto, de um objetivo, de uma experiência de vida. Compartilhar este muitas vezes alienado no processo relacional em si, mas cuja tomada de consciência contribui para o entendimento do percurso de pesquisa.

## **Bibliografia**

**BLANC**, Manuela. O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades. Orientadora: Cláudia Barcellos Rezende. *Dissertação* (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

\_\_\_\_\_. Ampliando Horizontes: jovens universitários e a (re) construção de valores a partir da vivência em moradias coletivas. *Monografia* (bacharelado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Centro de Ciências do Homem, 2006.

**BOTT**, Elizabeth. Family and social network. Roles, norms, and external relationships in ordinary urban families. Second edition. London: Tavistock Publications, 1971.

**DA MATTA**, Roberto. Trabalho de campo. In: Relativizando: Uma introdução à antropologia social. RJ: Vozes, 1987. 3<sup>o</sup> edição, p. 143-173.

**FARIAS**, Carine L. Religião e Juventude: Sociabilidades entre jovens em “repúblicas estudantis” de Campos dos Goytacazes. Monografia em antropologia, Centro de Ciência do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2010.

**FOOTE-WHYTE**, William. Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

**FRÚGOLI JUNIOR**, Heitor. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

**MAGNANI**, José Guilherme Cantor; **SOUZA**, Bruna Mantese de (Org.) *Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

**SILVA**, Hélio R. S. A situação etnográfica: Andar e ver. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n<sup>o</sup> 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

**VELHO**, Gilberto. Observando o Familiar. In: Individualismo e Cultura – Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. RJ: Zahar, 1999, p.121-132.